

# Contágio via dólar

Valorização da moeda americana seria a ameaça para a blindagem da economia

Mariza Louven

**A** não ser que a moeda americana continue apresentando forte valorização em relação ao real, a economia brasileira tem tudo para continuar caminhando em paralelo à crise e surpreender em termos de crescimento. É esta a avaliação de muitos economistas, em que pese a alta expressiva do dólar, que, na última sexta-feira, pulou de R\$ 2,38 para R\$ 2,45, como resultado direto do envolvimento do nome do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, nas denúncias de corrupção.

O dólar é uma variável importante na composição da inflação, mas a sua movimentação no curto prazo deve ser vista com cautela, afirma o economista Tomás Málaça, do Itau.

— Se a cotação chegar a R\$ 2,70, aí sim o governo vai ter que esquecer a perspectiva de queda dos juros e pensar em fazer mudanças na política monetária — comenta Málaça, esclarecendo, no entanto, que não acredita na disparada da moeda americana.

A contaminação da economia pela crise política, continuam os especialistas, pode ser dar pelo descontrole do câmbio ou pela ausência de condições para votar medidas econômicas importantes no Congresso.

— A variável política não entra nas decisões do Banco Central; o câmbio é o que determina as alterações na política monetária — acredita a economista Elisa Pessoa, da Opus Investimentos.

## Para economista, alta não deverá se manter

• Só que apesar da alta na cotação da moeda americana, na última sexta-feira, não há indicação de que o movimento persista. O Brasil ainda está se beneficiando com o choque positivo das commodities (produtos de baixo valor agregado comercializados no mercado internacional), que criou um clima muito positivo para enfrentar situações de adversidade, comenta o economista Aloísio Araújo, do Instituto de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IEG). Também contribuiu o bom desempenho da economia internacional — os Estados Unidos fizeram ajuste fiscal e aumento dos juros mais brando do que o esperado.

A fortaleza do real vem sendo garantida pelo saldo positivo da balança comercial e pelos investimentos diretos no país, que elevaram o superávit em conta corrente para US\$ 2,5 bilhões em julho. Um resultado como este só foi registrado em 1947 e significa que, depois de o país pagar juros, lucros e dividendos, ainda sobraram US\$ 2,5 bilhões.

Com números tão positivos, mexer no câmbio flutuante, na meta de inflação ou na política fiscal parece mais grave para o mercado do que eventuais trocas de comando na área econômica do governo.

— Duvido que houvesse motivação para qualquer um que viesse a assumir o Ministério da Fazenda mudar a atual direção da política econômica — diz Málaça.

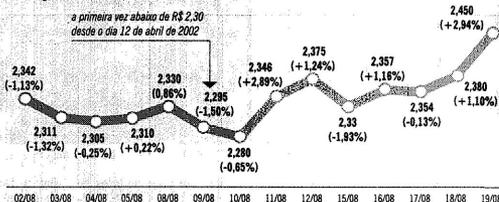
## Taxa de investimento registra crescimento

• Além disso, a despeito da crise política, constata-se que existem condições para que a economia cresça, em 2005, além do que vinha sendo esperado; a inflação está sob controle, a renda, o crédito e os investimentos em expansão. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é uma das instituições que está reavendo a sua previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) — de 2,8% para algo em torno de 3% a 3,5% — informa o economista Estevão Kopschitz.

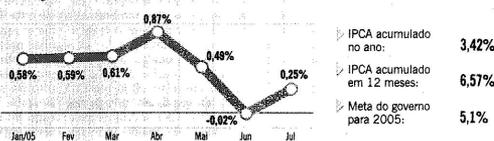
Entre os fatores propulsores do crescimento está a forte queda dos preços. Os índices de preços ao consumidor da Fundação Getúlio Vargas já vêm registrando deflação (taxa negativa) há três meses, fe-

## Cheque a evolução dos indicadores

### COTAÇÃO DO DÓLAR EM AGOSTO (em R\$)



### INFLAÇÃO MEDIDA PELO IPCA



### DESEMPENHO DO PIB BRASILEIRO

Na comparação com o trimestre anterior*	Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior
1º trim 2004	1,8%
2º trim 2004	1,1%
3º trim 2004	1,3%
4º trim 2004	0,4%
1º trim 2005	0,3%
1º trim 2004	4%
2º trim 2004	5,1%
3º trim 2004	5,9%
4º trim 2004	4,7%
1º trim 2005	2,9%

\*Com ajuste sazonal

### SAIBA MAIS SOBRE A SAUDE DAS EMPRESAS

Levantamento feito pelo Conselho Regional de Contabilidade, baseado nos 218 balanços divulgados até 17 de agosto, mostra que as empresas tiveram resultados extremamente positivos no primeiro semestre do ano, garantindo retorno significativo para os investidores, que foi 100% maior do que o do mesmo período do ano passado. A queda do endividamento e ajustes de custos realizados pelas empresas também mostram que elas estão preparadas para aproveitar a onda prevista de crescimento da economia mundial, que deverá continuar impulsionando as exportações e os investimentos estrangeiros em ativos no Brasil.

### Alguns destaques em termos de retorno para os acionistas (rendimento do capital investido)

(2005 em relação a 2004 - em %)

Ampla Energia	+316,8
Bradespar	+242,9
Braslem	+195,9
Casas	+2206,0
Cedro	+203,7
Celpe	+378,8
Colpa	+2514,5
Comat	+150,1
Cia Hering	+187,5
Confa	+368,1
Coelco	+2850,8
Elétrorpaúl	+2148,6
Embratel Par	+273,0
Energis	+247,3
Excelsa	+276,9
F Catagázes	+560,8
Fibam	+320,00
Ger. Paraná	+603,2
Lojas Americanas	+736,1
Lojas Renner	+418,4
Paúl F Luz	+326,9
Ripasa	+55,7
Sabesp	+850,3
Santander	+417,3

Fontes: IBGE, mercado e Conselho Regional de Contabilidade

nômeno que tende a se manter por pelo menos mais um mês. O aumento da renda — reforçado pela recente elevação do valor do salário mínimo — e o crédito largo também contribuem para impulsionar o consumo.

— Os problemas políticos estão afetando a confiança do consumidor só quando ele pensa no país, não quando ele considera a situação familiar — acrescenta o economista João Carlos Gomes, da Federação de Comércio do Rio de Janeiro (Fecomércio). — A expectativa da instituição é de que as vendas do comércio con-

tinuem crescendo gradualmente até o Natal. Há ainda indicações de que a trajetória da taxa de investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo) deu uma guinada para cima. Pelas contas de Elisa Pessoa, da Opus, o indicador registrou crescimento de 4,5% do primeiro para o segundo trimestre. Isto, depois de ter caído 3,5% no período de janeiro a março deste ano, na comparação com o último trimestre de 2004. Os dados do Ipea também apontam para uma expansão de até 6,5% da taxa no segundo trimestre de 2005, em relação ao mesmo pe-

## Empresas estão bem preparadas

Resultados melhoraram

• A julgar pelos 218 balanços publicados até o dia 17 deste mês, as maiores empresas do país ganharam musculatura, estão mais bem preparadas para passar ao largo da crise política e ser alvo dos fartos recursos internacionais disponíveis para investidores. O conjunto analisado pelo Conselho Regional de Contabilidade do Rio de Janeiro apresentou resultados extremamente positivos no primeiro semestre deste ano, comparado com o mesmo período de 2004, com queda de 3% no endividamento e aumento superior a 100% no retorno proporcionado aos acionistas — remuneração do capital investido.

A receita operacional líquida chegou a R\$ 325 bilhões no semestre, com expansão de 19,6% — superando a inflação do período, de aproximadamente 6%. O lucro líquido totalizou mais de R\$ 40 bilhões, 34,6% superior ao de igual período do ano passado. Este resultado evidencia que houve ajustes de custos e ganhos de escala no período, afirma o presidente do CRC, Nelson Rocha.

Um dos destaques foi a Confab, que tinha um patrimônio líquido de R\$ 426,6 milhões no fim do primeiro semestre de 2004 e valor de mercado de R\$ 296,2 milhões. Em junho deste ano, o patrimônio líquido da empresa tinha chegado a R\$ 567 milhões, elevando o seu valor de mercado para R\$ 629,9 milhões e proporcionando forte crescimento do retorno ao acionista: nada menos do que 2.850,8%.

Apesar da crise política, Rocha vê um cenário positivo para o segundo semestre deste ano. A economia mundial está crescendo e deve garantir o ritmo das exportações. No mercado interno, o consumo também se mantém, impulsionando o resultado de grandes empresas de varejo como Lojas Americanas.

Rafael Guedes, diretor da agência de classificação de risco Fitch Ratings, é outro especialista que avalia que a economia brasileira está bem preparada para enfrentar a crise. Segundo ele, aliás, esta crise é de curto prazo:

— Prova disso é que no último dia 11 de julho reafirmamos a nota de crédito do Brasil, que é BB- (três níveis abaixo do "grau de investimento"). As empresas brasileiras vão bem e nossa única preocupação neste momento é se a crise pode gerar algum afrouxamento na austeridade fiscal, o que não parece ser o caso. (Mariza Louven).

rido do ano passado, acrescenta Kopschitz. O fato é que os investimentos, acrescenta Elisa, têm puleto muito dinâmico, porque influenciam diretamente o resultado do PIB e ainda geram mais capacidade futura de produção, aumentando a oferta de produtos sem provocar pressão inflacionária. Continuando assim, apesar das altas taxas de juros em vigor, a taxa de investimento pode chegar a cerca de 20% do PIB. O resultado é positivo, mas ainda inferior à proporção investida pelo Chile (25%), ou pela China (30%). ■